

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

**UMA LEITURA SOBRE ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES SAUSSURIANAS
PARA A ANÁLISE DO DISCURSO A PARTIR DE PERCEPÇÕES
FRAGMENTADAS DE UMA PESQUISADORA**

**UNE LECTURE SUR CERTAINES CONTRIBUTIONS SAUSSURIENNES À
L'ANALYSE DU DISCOURS À PARTIR DES PERCEPTIONS FRAGMENTÉES
D'UNE CHERCHEUSE**

Emília Mendes¹

Resumo: O objetivo desta reflexão é analisar algumas ideias formatadas (*idées reçues*) a respeito do saussurianismo, de um lado e, de outro, mostrar a modernidade de algumas perspectivas do pensamento de Saussure no Curso de Linguística Geral e nos Escritos de Linguística Geral, colocando em evidência sua importância para a Análise do Discurso. A partir do saussurianismo, vários outros sistemas teóricos puderam ser criados como a Semiologia segundo Roland Barthes que, como demonstrei, influenciou também a teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau.

Palavras-chave: Saussure; Semiologia; Semiolinguística.

Résumé : Le but de cette réflexion est d'analyser quelques idées reçues concernant le saussurianisme d'un côté et de l'autre, montrer la modernité de quelques perspectives de la pensée de Saussure présentées dans le Cours de Linguistique Générale et dans les Écrits de Linguistique Générale, en mettant en évidence son importance pour l'Analyse du Discours. À partir du saussurianisme, plusieurs d'autres systèmes théoriques ont pu voir le jour comme la Sémiologie selon Roland Barthes qui a beaucoup influencé la théorie Sémiolinguistique de Patrick Charaudeau.

Mots clés: Saussure; Sémiologie; Sémiolinguistique.

Introdução

¹ Professora e pesquisadora da Faculdade de Letras - UFMG; coordenadora, ao lado da Profa. Ida Lucia Machado, do Núcleo de Estudos sobre transgressões, Imagens e imaginários - NETII [<http://www.lettras.ufmg.br/netii/>]. E-mail: emilia.mendes@ymail.com

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

Gostaria² de iniciar esta reflexão com uma advertência ao leitor: não farei um estudo exaustivo sobre o pensamento de Saussure retomando seus pressupostos de base. O objetivo deste artigo é lançar uma (re)leitura de algumas visões do pensamento de Ferdinand de Saussure com base no *Curso de Linguística Geral* (CLG) e nos *Escritos de Linguística* (ELG), tendo em vista os estudos sobre o discurso. Com isso, quero mostrar de que maneira as questões colocadas por Saussure - mesmo que não tenham oferecido respostas - ainda são atuais. Além disso, essas questões, a meu ver, desempenharam um papel de elemento desencadeador - e por que não desestabilizador de uma tradição vigente - de uma das correntes do pensamento linguístico do século XX e, a um tal ponto, que originou, num primeiro momento, a Semiologia Barthesiana e, num segundo momento, como uma somatória de várias influências, veio a ganhar corpo a teoria Semiolinguística desenvolvida por Patrick Charaudeau. Ou seja: o que defendo aqui é a tese de que o pensamento de Saussure está na origem de uma das linhas teóricas da Análise do Discurso (AD), fato esse, a meu ver negligenciado pelos estudiosos da área de AD.

Esta forma de ler o pensamento de Saussure não é sem consequências, pois ao propor tal forma de leitura, proponho também uma outra forma de ver as origens das Análises do Discurso. Nessa perspectiva, uma destas Análises do Discurso - a Semiolinguística - não teria Michel Pêcheux³ como o seu fundador, mas Roland Barthes e suas reflexões sobre a Semiologia, bem como outras reflexões oriundas de teóricos como Algirdas Greimas, Gérard Genette, Tzvetan Todorov, dentre outros, relativas à Narratologia. A descoberta do pensamento do Círculo Bakhtiniano é essencial para a

² O uso de primeira pessoa tem o objetivo de marcar um pensamento pessoal, trata-se de uma de leitura feita a partir da observação de uma realidade e, assim sendo, posso correr o risco de me equivocar.

³ Evidentemente, Michel Pêcheux foi um leitor de Saussure, mas ele se inscreve numa outra dimensão, a da filosofia, e não tinha o mesmo interesse sobre as questões linguísticas como o tinha Roland Barthes, trata-se somente de domínios de interesses, de abrangências. Estas questões mais linguísticas relacionadas ao signo tratadas por Barthes vão originar, no meu ponto de vista, uma AD que coloca a linguística como base de sua análise e, a partir desta ancoragem, estabelece também as dimensões discursivas e situacionais. Roland Barthes, em *Mitologias*, de 1957, se interessa pela ideologia, mas não se trata de pensá-la como o fez Michel Pêcheux, que apesar das reflexões profundas sobre semântica e discurso, não tinha um objetivo de análise linguística. Não se trata de uma crítica, mas de uma maneira de conceber uma forma de pensamento e uma área de atuação, o que é perfeitamente legítimo. Quando estudamos a Semiolinguística e vemos esta preocupação com o linguístico e tantos outros pontos - e ainda, uma ausência da ideologia nos seus primeiros anos, vemos uma identificação muito maior com a proposta semiológica que Barthes desenvolveu a partir de Saussure do que com o pensamento de M. Pêcheux.

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

Semiologia barthesiana, fato por ele mesmo descrito na obra *Aventura Semiológica*⁴. É possível sim afirmar que a Semiologia teve influências do pensamento de Michel Pêcheux, mas estas outras influências me parecem mais marcadas e têm como ponto de partida o pensamento saussuriano. É preciso mencionar também Benveniste e o que veio a ser a semântica da enunciação como uma referência essencial que se somou a estas outras modalidades teóricas. Assim, no meu ponto de vista, o projeto da Semiologia saussuriana é o desencadeador, um estopim - visto como um elemento deflagrador de um novo paradigma e não a coisa em si - de uma das Análises do Discurso que fazemos hoje.

Acredito também que as várias outras formulações teóricas nas mais diversas disciplinas surgidas em decorrência da proposta saussuriana de se colocar a linguística como um alicerce para as demais disciplinas das ciências humanas, causaram, posteriormente, uma explosão teórica no campo dos estudos da linguagem como um todo e possibilitaram o aparecimento de novas propostas como a AD.

Esta reflexão, que tem pretensão mais ensaística, se organizará em torno de três questões: (i) Quais são os imaginários sociodiscursivos circulantes a respeito do pensamento saussuriano? (ii) De que maneiras os *Escritos de Linguística Geral* puderam contribuir para mostrar um pensamento de Saussure por ele mesmo? e (iii) como se dá a articulação da Semiologia com a Semiologia?

Antes de responder a estas questões e inspirada por uma citação de Umberto Eco feita pela professora pesquisadora Beth Brait⁵, gostaria de justificar meus posicionamentos por compartilhar do seguinte ponto de vista:

Quando se fala de «descoberta», especialmente no domínio dos estudos humanísticos, não estamos a pensar em inventos revolucionários como a descoberta da divisão do átomo, a teoria da relatividade ou um medicamento que cure o cancro: podem ser descobertas modestas, sendo também considerado um resultado «científico» um novo modo de ler e compreender um texto clássico, a caracterização de um manuscrito que lança uma nova luz sobre a biografia de um autor, uma reorganização e uma releitura de estudos

⁴ Cf. Barthes (2002)

⁵ A professora se valeu desta citação em sua fala no I Seminário de Programas de Pós-graduação na área de Letras e Linguística: identidades, convergências e perspectivas. Realizado na PUC-Minas, Belo Horizonte, nos dias 17,18 e 19 de abril de 2013. Faço esta citação, pois se ela não tivesse mostrado esta fala de Eco, muito provavelmente, não teria relido o livro.

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

anteriores conducentes ao amadurecimento e sistematização das idéias que se encontravam dispersas noutros textos. Em todo o caso, deve produzir um trabalho que, em teoria, os outros estudiosos do ramo não deveriam ignorar, porque diz algo de novo. Eco (2007, p. 28-29)

Não posso assegurar até que ponto esta minha leitura seria uma inovação ou um equívoco, mas corro o risco. Esta percepção da relação entre essas teorias se deu a partir da experiência de sala de aula, ao ministrar as disciplinas de Semântica e de Introdução à análise do Discurso.

Os imaginários sobre uma obra

Todo ser humano tem suas formas de ver o mundo e de dar significações a ele, sejam estes sentidos individuais ou coletivos - partilhadas por um grupo ou por uma grande parte da sociedade. Este funcionamento da comunicação em geral se aplica obviamente e extensivamente ao fazer científico, na Academia também criamos imagens valorizadas ou desvalorizadas de teorias e de seus autores no abundante Mercado das Teorias do qual fazemos parte hoje e no qual também disputamos nosso quinhão. Estas formas de valorizar ou desvalorizar podem sofrer cristalizações e se tornarem *idées reçues*, ou seja, ideias formatadas, conceito que Amossy (1991) define a partir do romance & dicionário de Flaubert intitulado *Bouvard et Pécuchet*. Essas ideias formatadas acerca de uma dada teoria, a meu ver, merecem atenção, pois passam a ser reproduzidas sem um questionamento de sua validade. Por esta razão, cabe sempre ao analista do discurso se colocar a questão "o que dizem sobre o pensamento de X ou Y procede?", sobretudo quando se trata dos clássicos.

Além de ideias formatadas, também criamos imaginários sobre as teorias e sobre os teóricos; por exemplo, permitam-me a digressão, no Brasil, na nossa realidade acadêmica, os pensadores norte-americanos e os europeus são mais valorizados do que aqueles brasileiros que aqui tentam lançar seus sistemas teóricos, mesmo que por vezes as percepções destes últimos sejam mais interessantes do que aquelas dos teóricos "de primeiro mundo". São imaginários que colocam em evidência a baixa autoestima das comunidades acadêmicas acostumadas, por vontade e comodidades próprias, a uma

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

subserviência sem questionamentos e que demonstram um raciocínio de ex-colonizado (ou seja, ser "ex" ainda indica a pertença ao sistema de colonização intelectual, a correção disso se daria com uma emancipação nos retirando do sistema de colonização intelectual e fundando um outro, no qual passaríamos a ser parceiros no diálogo científico, mas é um reconhecimento que precisa vir de nossos próprios pares tupiniquins). Um exemplo deste problema, a meu ver, é o fato de até hoje dizerem que Eni Orlandi é "seguidora" de Pêcheux, quando esta pesquisadora em muito já superou o mestre e lançou questões e reflexões próprias, criativas, interessantes e muito bem sedimentadas teoricamente⁶.

Ao falar de imaginários, estou partindo - mas também aí mesclando visões pessoais - da concepção de Charaudeau (2007) para quem há uma diferença entre realidade e real. Em síntese, a realidade se constitui de eventos em estado bruto e o real é um mundo possível significado por um indivíduo a partir da realidade. Evidentemente, as pessoas têm formas diferentes de apreensão da realidade, o que também influencia na construção do significado do que é o real para cada um ou para uma comunidade discursiva. Ainda segundo Charaudeau (2007), ao significarmos o real, criamos representações sociais e estas, por sua vez, engendram os imaginários sociodiscursivos, assim nomeados por se darem em um domínio de prática social e por terem a fala/discurso como sintoma de sua existência. Os imaginários tanto criam valores - que podem ser de qualquer ordem - quanto justificam ações.

Nessa concepção Semiolinguística de imaginários, não cabe ao analista denunciar um imaginário como melhor ou pior, ou como verdadeiro ou falso. O que interessa é a identificação de tais imaginários, como surgem, em qual situação de comunicação e quais visões de mundo eles representam.

Em relação a Saussure e aos imaginários criados em torno de "sua obra" [e não de seu pensamento], o Curso de Linguística Geral (CLG), como é de conhecimento de

⁶ Em um artigo ainda no prelo, intitulado "A análise Semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização" Ida Lucia Machado e eu defendemos que estamos em uma AD de terceira geração e obras como as de Eni Orlandi demonstram isso. Graças a tantos acordos e investimentos feitos pelos governos, os pesquisadores brasileiros estão se emancipando e criando teorias e formas de pensar a ciência como um todo que é brasileira. Assim, este é um momento importante para a pesquisa nacional, pois vemos a sua consolidação e, com isso, a abertura de vários horizontes. O novo desafio é de nos fazermos reconhecidos nas comunidades acadêmicas internacionais.

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

muitos, não foi uma obra publicada por um autor, mas uma recuperação de um curso através de anotações de alunos. Este fato por si só já cria um imaginário. Não temos um produtor de discurso numa ação de formular, organizar e descrever seu pensamento, mas de como a recepção, seus alunos, entenderam este discurso. Não se trata de uma crítica a Charles Bally ou a Albert Séchehay e aos demais alunos de Saussure, esta é somente uma observação da qual em AD não podemos nos furtar, que é a identificação da instância de produção e de recepção de um dado discurso.

Nessa perspectiva, o CLG é um imaginário sobre o pensamento de Saussure e não o pensamento em si mesmo, trata-se de um real construído a partir da realidade do CLG. Já nos ELG, temos Saussure como produtor de um discurso sobre o seu pensamento, mesmo que seja fragmentado. Cabe a nós leitores também construirmos ou reproduzirmos imaginários sobre esta obra.

Um exemplo de imaginário criado no CLG e do qual não se sabe a origem, é a definição do escopo da linguística. Na conclusão do CLG (2005, p. 317) temos a seguinte afirmação: "*la linguistique a comme unique et véritable objet la langue envisagée en elle-même et pour elle-même*⁷.[itálico no original]". De acordo com Bouissac (2012), como o veremos abaixo, esta formulação não teria sido encontrada em nenhuma das notas dos alunos de Saussure, nem nos manuscritos. Ou seja, fabricou-se um imaginário sobre seu pensamento, há uma significação criada por alguém como um real particular e que não seria um real partilhado, já que os alunos testemunhos não teriam reconhecido a conclusão. Esta afirmação norteou a forma de ler a obra de Saussure, como no caso de Bakhtin & Volochínov ([1926] 2009) na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*. Para estes autores, o "pensamento"⁸ de Saussure se enquadra em um objetivismo abstrato e não leva em consideração a fala/*parole*, ou seja, a enunciação:

A fala, tal como Saussure a entende, não poderia ser objeto da lingüística [nota 23]. Na fala os elementos que concernem à lingüística são construídos apenas pelas formas normativas da língua que aí se manifestam [...].

⁷ "A linguística tem como único e verdadeiro objeto a língua vista em si mesma e por ela mesma." CLG (2005, p. 137) [tradução nossa].

⁸ Poderia dizer: o pensamento atribuído a Saussure.

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

Nota 23: Saussure, na verdade admite a possibilidade de uma outra lingüística, a da fala, mas ele não diz em que poderia consistir. Bakhtin & Volochínov ([1926] 2009, p. 89).

[...]

Destaquemos esta tese fundamental de Saussure: a língua se opõe à fala como social ao individual. A fala é, assim absolutamente individual. Nisto consiste, como veremos o *proton pseudos* de Saussure e de toda tendência do objetivismo abstrato. O ato individual de fala-enunciação, rechaçado decisivamente para os confins da lingüística, aí encontra todavia um lugar como fato indispensável da história da língua [nota 24].

Nota 24: Saussure diz: tudo o que é diacrônico na língua, só o é através da fala. É na fala que se encontra o germe de todas as mudanças. Bakhtin & Volochínov ([1926] 2009, p. 89).

Quis manter as notas por julgar ser um dialogismo interessante construído entre o corpo do texto e as notas de pé de página. Bakhtin & Volochínov ([1926] 2009) discutem uma obra nova, mas fazem ponderações a respeito do que leem, como pode ser observado acima. Em nota, mencionam o fato de Saussure chamar a atenção para a necessidade de uma lingüística da fala/do discurso, já que em francês *parole* pode significar também discurso. No entanto, eles chamam a atenção para o fato de que a fala tem um espaço na diacronia. Em vários pontos tanto do CLG quanto dos ELG é possível observar que Saussure considera sim a necessidade de se estudar a fala/*parole*/discurso, mas que preferiu dar mais atenção à língua por ser mais "palpável" - no sentido de possuir uma materialidade - do que a fala. Considero que Bakhtin & Volochínov percebem tanto as contradições quanto o posicionamento do professor genebrino e constroem uma visão dialógica na qual estas instabilidades são mostradas.

Seguramente, a frase conclusiva do CLG dá mesmo margem para esta interpretação que fizeram Bakhtin & Volochínov. Não tenho o objetivo de julgar isso e nem cabe aqui tal ação, o que quero chamar a atenção é para as consequências que este trecho conclusivo desencadeou. De acordo com Bouissac (2012, p. 222)

Para ele [Bakhtin], a obra de Saussure incorporava uma concepção abstrata e estática de língua que ignorava as dimensões dinâmica e social. Ele considerava que Saussure havia construído o uso real da língua em sociedade como irrelevante ou sem importância com base em afirmações da última sentença do *Curso*: "*o verdadeiro e único objeto da Lingüística é a língua considerada nela e por ela mesma*"[ênfase no texto]. O livro como um todo possui, naturalmente, mais nuances e, em geral, tem-se considerado que esta frase de conclusão não se encontra em lugar nenhum, nem nos cadernos dos alunos, nem nos poucos manuscritos que estavam disponíveis para os

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

editores. Contudo, ela virou um alvo fácil para os filósofos marxistas e teóricos da linguística que estavam loucos para denunciar Saussure como um ícone da ordem intelectual burguesa. Esta atitude foi perpetuada pela literatura subsequente, inspirada pelo marxismo, na qual se tornou lugar comum se dirigir a Saussure como uma referência repulsiva de erro ideológico e pecado intelectual.

Então, é possível ver a criação de imaginários seja a partir de uma recepção de um curso que é transformado em livro, seja a partir de uma leitura construída tendo como base uma conclusão cuja fonte não é bem certa. E como o autor acima bem mostra, alguns imaginários são criados e passam a estar a serviço de outras leituras também, cada uma com sua finalidade. É muito comum vermos esta visão do pensamento de Saussure como algo repulsivo e cheio de equívocos. Observamos críticas ao pensamento do professor que não lhe cabem, como se o fato de ter sido um precursor o obrigasse a dar conta de todos os fenômenos da linguagem. Parece-me que se esperava que Saussure tivesse escrito um “texto sagrado” fundador de uma seita... a julgar pela forma que se referem ao seu pensamento e, neste caso, não estaríamos mais no campo do pensamento científico. As propostas saussurianas no CLG são importantes, mas são uma construção de uma ideia que ficou inacabada, por mais moderna que seja, além de ser a recepção polifônica de um pensamento e não o pensamento em si.

Assim, não se pode perder de vista o fato de que o CLG era uma disciplina inédita que Saussure se dispôs a dar a cada 2 anos (entre 1907 e 1911) e, como tal, estava inacabada. Bouissac (2012) constrói uma interessante narrativa de vida ficcional de Saussure na qual acompanha os últimos dias de seu curso. Para Bouissac (2012, p. 18), "Esta forma de fazer uma introdução a Saussure propiciará ao leitor a oportunidade de se aproximar da dimensão humana dos conteúdos desafiadores desse processo de ensino". Este narrador que presencia o último dia do curso cria uma hipótese interessante - tanto imaginária quanto cheia de imaginários - sobre a ausência dos estudos sobre a fala/discurso/*parole*: falta de tempo.

O curso chegou ao final. O Professor Saussure hesita. Ele não apresentou uma afirmação coerente em sua conclusão. Esse não é seu estilo. Faltou-lhe tempo para completar o programa que anunciou quando o curso começou. Revendo o que se passou, ele pensa que tratou de forma mais ou menos

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

satisfatória a parte externa, a apresentação da diversidade da língua. Porém, a parte interna, a linguística evolucionária, ou seja, a linguística da parole, a dinâmica da língua, foi negligenciada em favor de alguns princípios gerais acerca da linguística estática. Esses princípios merecem ser contemplados futuramente. Bouissac (2012, p. 62)

Mesmo sendo uma conjuntura, é uma hipótese a se considerar, pois se olharmos mais atentamente para a história da linguística, foi preciso primeiro um estudo mais exaustivo das estruturas da língua para que se pudesse dar um passo em relação à enunciação, a partir de Benveniste (1966 e 1974) e ao discurso.

Um outro conjunto de imaginários sobre o pensamento de Saussure é a sua recepção que dará origem ao Estruturalismo. Em minha leitura de todo esse fenômeno, Saussure não seria um estruturalista, ele é um pensador que inspirou uma forma de ver a linguagem, é como se fosse uma semente cuja função foi germinar o estruturalismo, uma árvore frondosa e cheia de galhos que se desenvolveu a partir de um grão; a semente é a origem, mas não é a árvore em si. Do ponto de vista do dialogismo e da polifonia, vemos um grande emaranhado de coisas: de um lado Saussure que é editado a partir das vozes de seus alunos e, de outro, este "produto" que dá origem a uma série de outras vozes e dialogismos que foi o Estruturalismo⁹. Portanto, na minha humilde e talvez ignorante visão, não caberia dizer, por exemplo, "estruturalismo saussuriano" nos dias atuais, já que no CLG não há uma proposta de teoria nesse sentido, encontramos reflexões e questões - algumas sem respostas - sobre o que deveria ser uma disciplina - a linguística moderna - em seu nascedouro. Um outro ponto de vista que corrobora o que acabo de dizer é o fato de Paveau & Sarfati (2011) terem um capítulo para expor o pensamento de Saussure e um outro intitulado "A recepção francófona do Curso de Linguística Geral: estruturalismos" para mostrar de que maneira as inovações propostas pelo professor genebrino foram aceitas ou rejeitadas, bem como transformadas em outras disciplinas.

É possível também me aventurar na hipótese de que nessa conclusão apócrifa presente do CLG esteja a origem de um outro imaginário sobre o que é o campo da Linguística na atualidade. Em relação à Análise do Discurso, por exemplo, sempre nos deparamos com esta dúvida por parte de alguns colegas: "isso" que vocês fazem é

⁹ As relações entre o Estruturalismo e a Semiologia estão melhor apresentadas em Mendes (2010)

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

linguística? No entanto, apesar da referida conclusão, em várias outras passagens tanto do CLG quanto dos ELG vemos a necessidade de se pensar em uma linguística da *langue* e uma linguística da *parole*... em ambas prevalece a palavra “linguística”¹⁰.

Algumas concepções de Saussure no ELG.

O objetivo desta seção é comentar as ideias iniciais sobre linguística geral e de que maneira Saussure - ele mesmo - definiu alguns pontos a partir de seus manuscritos.

A citação abaixo me parece bastante exemplar da modernidade que as propostas saussurianas traziam. Há um diálogo com um pensamento anterior e a proposição de sua perspectiva.

La première école¹¹ de linguistique n’a pas envisagé le langage dans son caractère de phénomène. Il faut dire plus. Elle a ignoré le fait du langage, s’est attaquée directement à la langue soit à l’idiome (ensemble de manifestations du langage à une époque chez un peuple) et n’a vu l’idiome qu’à travers le voile de l’écriture. Il n’y a pas de parole, il n’y a que des assemblages de lettres.

Un premier pas se fit: de la lettre on en vint à considérer le son articulé et du papier on passa au sujet parlant []. Il n’y a pas encore de langage, il y a déjà la parole.

La conquête de ces dernières années est d’avoir enfin placé non seulement tout ce qui est le langage et la langue à son vrai foyer exclusivement dans le sujet parlant soit comme être humain soit comme être social¹². Saussure (2002, p. 130)

O sujeito falante como ser humano e social é o centro do sistema, o que desloca para o sujeito a responsabilidade pela linguagem, o ser humano está na língua e não fora deste sistema. A necessidade de se estudar a fala viva, em movimento, a viva voz, é evidenciada. Esta deve ter sido uma proposta muito moderna para a época, já que havia

¹⁰ Para o “pensamento” de Saussure no CLG há algo maior, a linguagem, que se divide em *langue* e *parole*. Isso me leva a pensar se não haveria um equívoco no nome de vários programas de pós-graduação e demais instituições. Em vez de termos Estudos Linguísticos, deveríamos ter Estudos da Linguagem.

¹¹ Saussure refere-se a Franz Bopp

¹² A primeira escola de linguística não visualizou a linguagem em seu caráter de fenômeno. É preciso dizer mais. Ela ignorou o fato da linguagem, se concentrou diretamente na língua, ou seja, ao idioma (conjunto de manifestações da linguagem em uma época num povo) e viu o idioma somente através do véu da escritura. Não há fala, há somente uma reunião de letras. Um primeiro passo se deu: da letra passamos a considerar o som articulado e do papel, passamos ao sujeito falante []. A conquista destes últimos anos é a de ter, enfim, colocado tudo o que é linguagem e a língua no seu lar de direito, exclusivamente no sujeito falante, seja como ser humano, seja como ser social. (Tradução nossa)

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

a tradição desde a Idade Média, de se estudar somente o texto escrito e literário, que detinha a primazia da representação do que é a língua ideal. Um outro ponto, é colocar o sujeito no centro da linguagem. Não raro já me deparei com ideias formatadas do tipo “Saussure e/ou o Estruturalismo [tomando um pelo outro] não considera o sujeito falante”. Esta passagem pode quebrar esta visão. O que já mencionei acima sobre a necessidade de se separar o Saussurianismo do Estruturalismo também se aplica aqui. Esta passagem também mostra o que será mais tarde uma condição de base da Teoria Semiolinguística e sua definição dos Sujeitos da Linguagem: há o ser humano de carne e osso e o ser de discurso – evidentemente uma determinação moderna - o que seria na concepção do Saussurianismo um ser social – já que para esta acepção, a língua e a linguagem são sociais – coletivas - e os sujeitos se constituem através delas. No caso do ser de discurso semiolinguístico, ele ao mesmo tempo se vale da *langue* – sistema de códigos socialmente partilhados – e da *parole* – ato individual que se caracteriza por escolhas do sujeito falante. O sujeito precisa obedecer às restrições impostas pela *langue*, mas tem uma margem de manobra deixada pela *parole*.

Ao tentar sistematizar a linguagem, Saussure (2002) tenta mostrar que existem várias dualidades que vão constituir pares essenciais para a compreensão de vários funcionamentos. É o clássico sistema binário do qual o Estruturalismo tanto se valeu, dependendo dos casos, com ou sem sucesso¹³. No fragmento abaixo, chamo a atenção para já haver naquele momento um entendimento de que uma linguística para a língua e uma linguística para a fala/discurso são necessárias.

La troisième paire de choses est constituée par la langue et la parole (le signe préalablement double par l'association intérieure qu'il comporte et double par son existence en deux systèmes, est livré à une manutention du double). Le langage est consacré socialement et ne dépend pas de l'individu. Est de l'individu, ou de la parole : a) tout ce qui est phonation b) tout ce qui est combinaison – tout ce qui est volonté. Parole – volonté individuelle; langue – passivité sociale. Ici pour la première fois question de deux Linguistiques¹⁴. Saussure (2002, p. 299)

¹³ Cf. Mendes (2010)

¹⁴ O terceiro par de coisas é constituído pela língua e pela fala (o signo previamente duplo pela associação interior que ele comporta e duplo por sua existência em dois sistemas, está entregue à manutenção do duplo). A linguagem é consagrada socialmente e não depende do indivíduo. É do indivíduo, ou da fala: a) tudo o que é fonação b) tudo o que é combinação - tudo o que é vontade. Fala – vontade individual; língua – passividade social. Aqui, pela primeira vez questão de duas Linguísticas. (Tradução nossa)

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

A complexidade da *parole* é colocada em evidência e chamo a atenção para “Ici pour la première fois question...” que mostra novamente este caráter desbravador das propostas de Saussure.

Somente para fazer uma comparação, no Curso temos uma formulação mais esquematizada e detalhada, mas não encontrei uma passagem que evidencie a necessidade de duas linguísticas:

En séparant la langue de la parole, on sépare du même coup : 1° ce qui est social de ce qui est individuel ; 2° ce qui est essentiel de ce qui est accessoire et plus au moins accidentel.

La langue n'est pas une fonction du sujet parlant, elle est le produit que l'individu enregistre passivement ; elle ne suppose jamais de préméditation, et la réflexion n'y intervient que pour l'activité de classement [...].

La parole est au contraire un acte individuel de volonté et d'intelligence, dans lequel il convient de distinguer: 1° les combinaisons par lesquelles le sujet parlant utilise le code de la langue en vue d'exprimer sa pensée personnelle ; 2° le mécanisme psycho-physique qui lui permet d'extérioriser ces combinaisons¹⁵. (CLG, [1916], 2005, p. 30-31)

Há uma evidência da necessidade de se separar *langue* e *parole* como objetos de estudos, mas não há, como na citação acima dos ELG, uma menção ao fato de que a *parole* seja “acessório” e não essencial, estas qualificações podem ser a causa de alguns mal-entendidos. Na verdade, o que me parece, é que a *langue* é previsível e palpável, já a *parole* é imprevisível, se dá ao acaso como fruto de uma vontade, ou como dizemos hoje: a *parole* está sujeita a produzir os mais diversos efeitos de sentido e também se manifestar através das estratégias discursivas as mais plurais.

Nos ELG, encontramos outras passagens também que endossam os pontos de vista acima, mas não se pode esquecer de que se trata de um conjunto de fragmentos, não há um desenvolvimento sistemático e por vezes vemos oscilações nas definições, o

¹⁵ Separando a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1° o que é social do que é individual; 2° o que é essencial do que acessório e mais ou menos accidental. A língua não é uma função do sujeito falante, ela é o produto que o indivíduo grava passivamente; ela nunca supõe premeditação e a reflexão somente intervém com a atividade de classificação. A fala, ao contrário, é um ato individual de vontade e de inteligência, no qual é conveniente distinguir: (1) as combinações através das quais o sujeito falante utiliza o código da língua com a finalidade de expressar seu pensamento pessoal; (2) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar estas combinações. (Tradução nossa)

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

que mostra um Saussure humano, que hesita e que também pode se enganar ou mudar de ideia, como qualquer um de nós.

Da Semiologia à Semiolinguística

Na minha opinião, mesmo que a Semiologia não tenha ganhado, de fato, uma definição clara nos ELG, a sua definição no CLG parecer ser o embrião do que mais tarde vai postular a Teoria Semiolinguística – que obviamente, foi criada a partir de inúmeras outras teorias, estas inclusive influenciadas não só por Saussure, mas também por uma gama enorme de teóricos do mundo ocidental. Vemos esta visão da pluralidade dos pensamentos linguísticos e sobre as linguísticas na passagem abaixo:

Defender o ponto de vista da unicidade de um percurso histórico em lingüística seria, então, resultado de uma decisão e não de uma constatação. É claro que não negamos que haja sempre uma herança de pensamento. Toda teoria, assim como toda fala, define-se em relação a outras teorias, a outras falas. No entanto, esta herança *passa pelo sujeito que produz a teoria ou a fala*; o que significa reafirmar que há tantos percursos históricos quantos forem os sujeitos que teorizam. Charaudeau (2008, p. 15)

Em Charaudeau (1993), é possível ver claramente como ele construiu a Semiolinguística a partir de teorias contemporâneas. Embora não tenhamos evidenciado o pensamento de Roland Barthes, vemos ali a sua presença, sua influência, assim como vemos também as reflexões do Círculo Bakhtiniano. A meu ver, estes autores acabaram por serem constitutivos e com tamanha essencialidade que não necessitariam ser citados como referência por serem a base, a pedra angular, juntamente, é claro, com o embrionário pensamento de Saussure.

Em seu site, Charaudeau¹⁶ descreve, numa autobiografia profissional, o seu percurso teórico. Selecionei aqui somente uma passagem na qual ele mostra seu percurso inicial:

¹⁶ Cf.: <http://www.patrick-charaudeau.com/-Biographie-professionnelle-.html>, acesso em 28 de maio de 2013.

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

Après la thèse de 3^o cycle, je dirigeais mes travaux de recherche vers le discours, mais dans une direction différente de celle qui deviendra l'École française d'analyse du discours'' sous la houlette de Michel Pêcheux. En effet, venant d'études très centrées sur la sémantique des langues du fait de la comparaison entre les langues latines, des activités de traduction français/espagnol, des recherches de stylistique, je cherchais, dans le cadre de la préparation de mon doctorat d'État, à aller au-delà de la phrase. D'abord dans la lignée de linguistes comme Z. Harris, puis sociolinguistes comme M.K. Halliday, pour ensuite, influencé par les travaux des sémiologues, sémioticiens et narratologues qui animaient la revue *Communications* (Barthes, Greimas, Morin, Todorov, Genette), j'essayais de montrer comment les catégories de la langue étaient mise en scène dans le cadre de productions textuelles et discursives. Cela donna lieu à ma thèse intitulée "Des conditions linguistiques d'une analyse du discours"¹⁷.

Em Charaudeau (1978), temos a informação de que a sua tese foi apresentada na Universidade de Paris IV em 22 de junho de 1977. Talvez seja possível então tomar esta defesa e sua consequente aprovação, como uma fundação da Semiologia e como o começo de uma nova vertente de pesquisa dentro da análise do discurso. O percurso apresentado da semântica à semiologia/semiótica ilustra bem a tese que queremos provar, além, é claro, de seu posicionamento em relação a M. Pêcheux. Entretanto, voltemos ainda a Saussure.

No CLG há o esboço do que se deveria constituir como uma ciência dos signos, a Semiologia:

On peut donc concevoir une science qui étudie la vie des signes au sein de la vie sociale ; elle formerait une partie de la psychologie sociale, et par conséquent de la psychologie générale ; nous la nommerons sémiologie [...]. Elle nous apprendrait en quoi consiste les signes, quelles lois les régissent. Puisqu'elle n'existe pas encore, on ne peut dire ce qu'elle sera, mais elle a droit à l'existence. [...]. La linguistique n'est qu'une partie de cette science générale, les lois que découvrira la sémiologie seront applicables à la

¹⁷ Após a tese de 3^o Cycle, eu direcionei meus trabalhos de pesquisa para o discurso, mas em uma direção diferente daquela que se tornou a "Escola Francesa de Análise do Discurso" sob a batuta de Michel Pêcheux. De fato, vindo de estudos muito centrados sobre a semântica das línguas, sobre a comparação entre as línguas latinas, sobre as atividades de tradução francês/espanhol, sobre pesquisas em estilística, eu buscava, para a preparação de meu Doutorado de Estado, ir além da frase. Inicialmente, na linha de linguistas como Z. Harris, depois de sociolinguistas como M.K. Halliday, para, em seguida, influenciado pelos trabalhos dos semiólogos, semióticos e narratólogos que animavam a revista *Communications* (Barthes, Greimas, Morin, Todorov, Genette), tentar mostrar como as categorias da língua eram uma *mise en scène* [encenação] no quadro de produções textuais e discursivas. Isso originou a minha tese intitulada: "As condições linguísticas de uma análise do discurso".

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

linguistique, et celle-ci se trouvera ainsi rattaché à un domaine bien défini dans l'ensemble des faits humains¹⁸. (CLG, [1916], 2005, p. 33)

Um outro ponto de modernidade é a percepção de que não somente a língua como signo deve ser estudada, mas todos os signos que perpassam o mundo em sociedade.

Ainda na perspectiva do CLG, a tarefa de desenvolver a Semiologia seria dos psicólogos, mas quem se dispôs a fazer isso foi Roland Barthes, que soube tão bem transitar entre vários sistemas semiológicos. E a Semiologia barthesiana talvez só tenha sido possível depois do “desembarque” das teorias do Círculo Bakhtiniano na França. De acordo com Peytard (1995), o encontro de Barthes com o pensamento bakhtiniano se dá em 1968, no Colloque de Cluny, no qual Julia Kristeva apresenta o conceito de texto em uma perspectiva translinguística. Ainda na visão de Peytard (1995), a translinguística tinha por objetivo explorar, categorizar, analisar com conceitos e procedimento original, o espaço além das fronteiras frásticas, ou seja, o espaço da realização do discurso. Estas finalidades se encaixaram muito bem como um complemento do que Saussure sugeria.

As teorias têm sua vida e sua evolução, no sentido de serem discutidas, debatidas e pensadas. Elas também não estão imunes aos excessos e até mesmo a doutrinações. A Semiologia teve, assim, seus dias de crise. Um pouco ao contrário do que propunha Saussure,

“a Semiologia lingüística permaneceu durante muito tempo majoritária nos estudos empreendidos nos seguimentos da teoria de Saussure e de Peirce. É o que chamamos inflação lingüística. A lingüística entronizou-se em ciência básica da língua e só muito recentemente a Semiologia não lingüística se impôs a par daquela” Toussaint (1978 p, 57-58)

Dessa forma, a lingüística se impõe e os outros sistemas de signos ficam relegados a não se sabe qual plano. Mesmo, atualmente, ainda nos deparamos com esta visão de

¹⁸ Pode-se, então, conceber uma *ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela formaria uma parte da psicologia social e, por conseqüência, da psicologia geral; nós a nomearemos Semiologia.[...] ela nos ensinaria no que consiste a vida dos signos, quais leis os regem. Já que ela ainda não existe, não podemos dizer o que ela será.[...]. A lingüística é somente uma parte desta ciência geral, as leis a serem descobertas pela Semiologia serão aplicáveis à lingüística e esta se encontrará ligada a um domínio bem definido das ciências humanas. (Tradução nossa)

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

supremacia da “linguística da língua” que parece entronizada numa supremacia *ad infinitum*. Barthes chama a atenção para o problema em uma passagem que ainda é bastante atual: “[...] o saber semiológico não pode ser, atualmente, mais do que uma cópia do saber lingüístico; [...] este saber deve se aplicar, pelo menos em projeto, a objetos não lingüísticos.” Barthes¹⁹ *apud* Toussaint (1978 p, 67-68). Esta ainda é uma batalha da AD: ir além do lingüístico e ser reconhecida neste campo de saber; ela deve se valer de outras linguagens, de outros sistemas, para testar até mesmo a validade de suas teorias. Creio que o interesse pelo estudo da imagem nas várias vertentes da AD possa ser uma forma interessante de retomada do projeto saussuriano e barthesiano. Embora a semiótica tenha feito avanços inestimáveis nesta área, para a Semiolingüística, este é ainda um terreno a ser explorado. E assim, o que no CLG seria uma tarefa da psicologia, acabou se tornando um projeto das várias ADs. Vale mencionar também o papel da psicologia e da psicanálise para todos que trabalham com o discurso.

Para a Semiolingüística, o pensamento lingüístico deve ser amplo e não deve ser o quinhão de ninguém, ou seja, é livre para quem quiser se aventurar por este caminho. Os caminhos são múltiplos, se bifurcam, se trifurcam e assim por diante:

Esta dificuldade de verificar, reproduzir, formalizar, enfim, de pôr o objeto lingüístico à distância e de fixar os instrumentos de análise explica, para nós, a inexistência de um itinerário único e obrigatório concernente à formação do pensamento lingüístico. Por outro lado, teríamos como prova o fato de que os lingüistas modernos vêm de horizontes de pensamento diversos, tais como a filosofia, a literatura, as línguas estrangeiras, a gramática e a filologia e até mesmo a sociologia, a psicologia e a matemática, entre outras disciplinas. Charaudeau (2008, p. 15)

Assim, a interdisciplinaridade é um dos motores da AD, este universo de teorias e metodologias²⁰.

¹⁹ BARTHES, Roland. *Éléments de Sémiologie. Communications*. Paris: Le Seuil, 1964.

²⁰ Gostaria de fazer um aparte: algumas pessoas consideram erroneamente a AD como uma “metodologia”. Há um grande equívoco nesta percepção. Em AD, não temos uma metodologia, mas várias, pois o procedimento metodológico é plástico por ser criado a partir do *corpus* que se escolhe para analisar. Assim, nenhuma pesquisa possui exatamente o mesmo procedimento metodológico. A AD é um conjunto de teorias sobre o discurso e é constitutivamente interdisciplinar. As áreas de pesquisa que queiram se valer destas teorias devem tratá-las em uma perspectiva que seja inter, trans ou pluridisciplinar.

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

Da Semiologia passamos então à Semiolinguística²¹. Não saberia dizer quem cunhou a junção de semio + linguística, várias pessoas já usaram este termo. Embora o vocábulo tenha circulado, desconheço até o presente momento uma sistematização em teoria como a que foi empreendida por Patrick Charaudeau, diante disso, se torna irrelevante quem forjou o termo. Assim, para o pesquisador francês,

O campo semiolingüístico integra essas antinomias [concordância e discordância]. O ato de linguagem não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que *falam* o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão. De onde se conclui que o Objeto do Conhecimento é o *do que fala* a linguagem através do *como* fala a linguagem, *um constituindo o outro* (e não um após o outro). O mundo não é dado a princípio, ele *se faz* através da estratégia humana de significação. [...] Uma análise Semiolinguística do discurso é semiótica pelo fato de que se interessa por um objeto que só se constitui em uma intertextualidade. Esta última depende dos sujeitos da linguagem, que procuram extrair delas possíveis significantes. Diremos também que uma análise Semiolinguística do discurso é Lingüística pelo fato de que o instrumento que utiliza para interrogar esse objeto é construído ao fim de um trabalho de conceituação estrutural dos fatos linguageiros. Charaudeau (2008, p. 21)

Na minha percepção, a Semiolinguística seria uma releitura da proposta saussuriana na qual há a integração entre *langue* e *parole*. A linguística tem aqui uma significação ampla, dialogando com mais de um século de pensamento sobre a linguagem, como vimos acima.

Dessa maneira, penso que Saussure foi moderno ao perceber que havia uma necessidade de ir além dos textos escritos e estudar também os outros sistemas de signos que perpassam a sociedade, ou seja, ele lançou a ideia e várias outras pessoas contribuíram para que ela ganhasse corpo e personalidade: um percurso teórico da Semiologia à Semiolinguística se construiu e se constrói a cada dia, pois ainda temos muitos campos a desbravar.

Conclusão

²¹ Tenho pela consciência de que esta passagem não está devidamente justificada, o tema merece um artigo inteiro para ser devidamente tratado.

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

O que tentei postular aqui é que a Semiologia é uma herdeira do pensamento saussuriano, ela faz parte desta linhagem de pensamento, dialogando com este paradigma lançado por Saussure, mesmo que este tenha sido construído, dialógica e polifonicamente, através da percepção de seus alunos. Esta posição contestaria a tese defendida por alguns segundo a qual a Análise de Discurso Francesa (ADF) de M. Pêcheux marcaria o surgimento da AD, em 1969. Creio que a Retórica, a Semiologia e a Estilística, embora não tenham se valido do sintagma "análise do discurso"²², tenham cooperado para analisar discursos bem antes de uma consolidação da ADF como sistema teórico. Gostaria também que este meu artigo pudesse fazer compreender que a ADF é um sistema teórico diferente da Semiologia, como o próprio Charaudeau evidencia em sua autobiografia profissional. São dois sistemas que podem dialogar entre si, é verdade, mas não se pode tomar um pelo outro, ou então achar que todas as análises do discurso feitas por teóricos em língua francesa sejam ADF: existem outros teóricos franceses bem como teóricos suíços e canadenses que também desenvolvem teorias sobre o discurso.

Esta reflexão também quis evidenciar que o Saussurianismo é uma coisa e o uso que o Estruturalismo fez do pensamento de Saussure no CLG é outra coisa. Penso ser necessário, como analistas do discurso, refletirmos sobre as ideias formatadas que vão sendo criadas pelas leituras dos clássicos e chamo a atenção para sempre estarmos atentos para as intertextualidades e as interdiscursividades que se constroem ao longo deste grande processo dialógico que é o pensamento linguístico.

Por fim, não deixa de ser interessante o percurso que os ensinamentos e pensamentos de Saussure fizeram. O estruturalismo, que foi daí originado, postulava a continuidade, o equilíbrio, a coerência, a linearidade, a unidade, dentre outras coisas. Não deixa de ser irônico o fato de a única obra de Saussure por ele mesmo, seus manuscritos, ser o contrário disso tudo: eles são fragmentados, descontínuos, sem marcação temporal, heterogêneos, incompletos, incoerentes por vezes, dentre outras coisas. Ou seja, sua obra tem características do pós-estruturalismo.

²² Lembro também o uso do sintagma por Z. S. Harris no artigo "Discourse analysis", em 1952.

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

Espero, com isso, ter dado uma pequena contribuição para que Saussure seja visto de forma mais humana, como alguém que lançou boas questões, mas que não deixou respostas, deixou tão somente um paradigma a ser construído. Muitos se dedicaram e se dedicam a essa construção, forjando modelos que se tornaram modas passadas para darem lugar a outras contemporâneas que também darão lugar a modas vindouras... e assim caminha o pensamento linguístico em sua humanidade.

Referências

AMOSSY, Ruth. *Les idées reçues: sémiologie du stéréotype*. Paris: Nathan, 1991.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentín. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARTHES, Roland. *oeuvres complètes*, vol IV. Paris : Seuil, 2002.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Éditions Gallimard, 1974.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Éditions Gallimard, 1966.

BOUISSAC, Paul. *Saussure: um guia para os perplexos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In : BOYER, H. *Stéréotypage, stéréotypes : fonctionnements ordinaires et mises en scène. Langue(s), discours*. Vol. 4. Paris, Harmattan, 2007.p 49-63.

CHARAUDEAU, Patrick. Des conditions de la mise en scène du langage. In: DECROSSE, A. (org.) *L'esprit de société*. Liège: Mardaga, 1993, p. 27-65.

CHARAUDEAU, Patrick. *Les conditions linguistiques d'une analyse du discours*. Universidade de Paris IV - França. 1977. Lille: Service de reproduction de thèses - Université de Lille III, 1978. 575 p. (Doutorado de Estado).

MENDES, Emília. Uma leitura sobre algumas contribuições saussurianas para a análise do discurso a partir de percepções fragmentadas de uma pesquisadora. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 50-69, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Barcarena: Editorial Presença, 2007.

MENDES, Emília. Estruturalismo e a análise do discurso no Brasil: da Semiologia à Semiolinguística. In: PAULA Luciana & STAFUZZA, Grenissa (orgs.). *Da análise do discurso no Brasil à Análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 19-40.

PAVEAU, Marie-Anne & SARFATI, Georges-Élia. *Les grandes théories de la linguistique*. Paris: Armand Colin, 2011.

PEYTARD, Jean. *Mikhaïl Bakhtine: dialogisme et analyse du discours*. Paris: Bertrand-Lacoste, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica Tullio de Mauro. Paris: Payot et Rivages, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*. Paris: Éditions Gallimard, 2002.

TOUSSAINT, Bernard. *Introdução à Semiologia*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1978.

Recebido em outubro de 2013.
Aceito em novembro de 2013.